FACULDADE EFICAZ
Fazendo parte da sua história!

|44| 3029-9094 / 3227-4046
www.faculdadeeficaz.com.br

Av. João Paulino Vieira Filho,729
CEP: 87020015 - Maringá / PR

AS VOZES DE"SORÔCO, SUA MÃE E SUA FILHA" E "A TERCEIRA MARGEM DO RIO", DE GUIMARÃES ROSA [1]

HAUER, Rosenéia do Rocio Prestes[2]

RESUMO: Ler Guimarães Rosa torna-se um desafio quando o objetivo é analisar suas obras. Portanto, pretende-se neste trabalho, vencer os desafios das margens da escrita e analisar os perfis dos narradores e os efeitos discursivos que as suas características causam numa leitura de segundo plano (ECO, 2006). Os contos estudados neste trabalho fazem parte da obra *Primeiras Estórias*, publicada em 1962. Serão analisados a partir das concepções de autor e discurso postuladas por Bakhtin (2010); das anotações de leitura de Oliveira (2009); entre outros não menos importantes. Os trechos dos contos foram escolhidos a partir da relevância semântica e discursiva, dentro da narrativa. Os resultados obtidos nesta discussão são apontamentos que orientam e direcionam a leitura dos contos dentro de uma perspectiva de leitura mais crítica e abrangente.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. Narrador. Anotações de leitura. Contos.

RESÚMEN: Leer Guimarães Rosa se convierte en un desafío cuando el objetivo es analizar sus obras . Por lo tanto, se pretende en este trabajo, vencer los desafíos de las márgenes de la escrita y analizar los perfiles de los narradores y los efectos discursivos que sus características hacen que la lectura de según plan (ECO 2006) . Las historias incluidas en este estudio son parte de la obra Primeiras Estórias, publicado en 1962. Serán analizadas desde puntos de vista del autor y el discurso postulados por Bakhtin (2010) ; de los apuntamientos de lectura del Oliveira (2009); y otros no menos importantes . Los extractos de los cuentos fueron elegidos desde la relevancia semántica y discursiva dentro de la narrativa . Los resultados de este análisis son las notas que guían y dirigen la lectura de las historias en una perspectiva de lectura más crítica y absoluta.

PALABRAS-LLAVE: Literatura. Narrador. Apuntamentos de lectura. Cuentos.

INTRODUÇÃO

Nesse artigo, buscamos discutir sobre os aspectos e apontamentos de leitura sobre as obras roseanas, especificamente, os contos da obra *Primeiras Estórias*, de Guimarães Rosa. A aplicabilidade dessas anotações de leitura será baseada nas

[1] Artigo de conclusão de curso apresentado ao Programa de Pós-graduação em Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa, área de Educação.

[2] Pós-Graduação em Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa (Faculdade Eficaz de Maringá/ PR). Contato: neinha29@yahoo.com.br

|44| 3029-9094 / 3227-4046
www.faculdadeeficaz.com.br

Av. João Paulino Vieira Filho,729
CEP: 87020015 - Maringá / PR

discussões sobre texto e discurso, fomentadas na plataforma AVA, do curso de Especialização em Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa, da Faculdade Eficaz, articulando com os estudos realizados em projeto de extensão “Anotações de leitura para os contos de João Guimarães Rosa”, da Universidade Estadual de Ponta Grossa, coordenado pela pesquisadora das obras de Guimarães Rosa, Silvana Oliveira, Doutora em Teoria Literária.

Analisar, a partir de diferentes perspectivas teóricas, os desdobramentos e efeitos dos discursos dos narradores nos contos de Guimarães Rosa é o objetivo geral deste trabalho. Conhecer as concepções e os tipos de narradores presentes nos textos roseanos; analisar a relevância da participação ativa do leitor na feitura dos contos; desenvolver anotações de leitura, a partir das concepções teóricas literárias, elucidando os pontos em que o discurso do narrador influencia na compreensão todo da obra são objetivos específicos.

No entanto, para almejar uma discussão crítica sobre os textos roseanos, há a necessidade de uma leitura de segundo nível. Umberto Eco, na obra *Seis passeios pelo bosque da ficção* (2006), reflete sobre a importância desse nível de leitura. No início do capítulo 2, desse livro, Eco explica sobre as maneiras de ler, fazendo uma analogia entre o processo de leitura e a trilha de um bosque:

> Há duas maneiras de percorrer um bosque. A primeira é experimentar um ou vários caminhos (a fim de sair do bosque o mais depressa possível, digamos, ou de chegar à casa da avó, do Pequeno Polegar ou de Joãozinho e Maria); a segunda é andar para ver como é o bosque e descobrir por que algumas trilhas são acessíveis e outras não. Há igualmente duas maneiras de percorrer um texto narrativo. Todo texto desse tipo se dirige sobretudo a um leitor-modelo do primeiro nível, que quer saber muito bem como a história termina (se Ahab conseguirá capturar a baleia e se Leopold Bloom encontrará Stephen Dedalus depois de cruzar com ele algumas vezes no dia 16 de julho de 1904). Mas também todo texto se dirige a um leitor-modelo de segundo nível, que se pergunta que tipo de leitor a história deseja que ele se torne e que quer descobrir precisamente como o autor-modelo faz para guiar o leitor. (ECO, 2006, p. 33)

De acordo com a citação de Umberto Eco, é a partir do segundo nível de leitura que surgem os questionamentos sobre o posicionamento do autor e narrador, diante do texto. Geralmente, esse segundo nível vem acompanhado de uma segunda leitura; aquela que fazemos com a intenção de analisar a obra, projetando a atenção sobre o “como é dito” e não apenas sobre “o que é dito”. Portanto, esse trabalho seguirá esse preceito de leitor, postulado por Eco para que consigamos

|44| 3029-9094 / 3227-4046
www.faculdadeeficaz.com.br

Av. João Paulino Vieira Filho,729
CEP: 87020015 - Maringá / PR

alcançar o discurso do narrador e, portanto, analisar os trechos dos contos e obter maior totalidade da obra.

Diante de dois contos muito curtos, pertencentes a um dos maiores autores brasileiros, é necessária uma compreensão da estratégia de construção dos narradores para que o texto completo seja, de fato, abrangido. Considerando-se que o papel do narrador é fundamental, esse artigo busca elucidar as estratégias discursivas do autor, na voz dos narradores e, assim, possibilitar ao leitor uma compreensão mais totalizada dos contos. De acordo com Afrânio Coutinho (2008), entende-se por conto o gênero textual narrativo, ficcional que contém artifícios intermediários entre autor e leitor e/ou público. Conto é uma história concisa, concentrada em termos de tempo e espaço, enraizada na experiência humana. A ficção como forma estética no conto exige uma forma de arranjo, estrutura e unidade de efeito.

O livro de estreia de Guimarães Rosa foi *Sagarana,* em 1946. Num total de nove contos, Rosa recria a língua portuguesa, dando novo mote ao regionalismo nacional, tão em voga na época. Sua única obra do gênero romance é *Grande Sertão: Veredas* (1956); sua obra prima. Dentre outras obras com novelas e contos, então, publica *Primeiras Estórias,* em 1962. De acordo com Oliveira:

> Em Primeiras Estórias, todas as 21 narrativas, inclusive o famoso conto “A terceira margem do rio”, constroem-se a partir de um motor recorrente, ou seja: a condição comum a todas as personagens de encontrarem-se numa situação-limite provocada pela expropriação de um lugar primeiramente ocupado. (OLIVEIRA, 2009, p.82)

A situação limite da qual trata Oliveira seria o limite das formas possíveis de representação do sujeito, e o que não está dentro desse limite torna-se marginal. Personagens marginais são recorrência em *Primeiras Estórias.*

> As personagens que passam pelo processo descrito acima são, no geral: crianças, que não sofreram ainda os efeitos do tempo e do espaço sobre si (“As Margens da Alegria”, “Os Cimos”); criança anormal, fora, portanto, das limitações do aqui/agora (“A menina de lá”); velhos fora do juízo, isto é, livres das convenções sofridas ao longo de suas vidas, isentos de responsabilidade devido à alienação de tempo e espaço em que se encontram (“A Terceira margem do rio”); os loucos e outros seres de exceção, vitimados pela excessiva pobreza ou sofrimento (“Sorôco, sua mãe, sua filha”). (OLIVEIRA, 2009, p.83).

|44| 3029-9094 / 3227-4046
www.faculdadeeficaz.com.br

Av. João Paulino Vieira Filho,729
CEP: 87020015 - Maringá / PR

Diante do explicitado na citação acima, por questão de recorte, esse trabalho não aprofundará da marginalidade como elemento teórico mas, dos narradores de *Sorôco, sua mãe e sua filha* e *A terceira margem do rio*, a participação do leitor e possíveis intenções do autor.

AS VOZES DOS CONTOS:

Não há, no universo literário, uma equação lógica e exata entre o que se lê e a intenção do autor. Sabe-se que a intenção em alavancar uma discussão de segundo nível, por parte do autor, não é uma norma, e nem deve ser: os textos literários não pedem para ser uma viva representação daquilo que o autor poderia ter em mente. Para Sartre “Um dos principais motivos da criação artística é certamente a necessidade de nos sentirmos essenciais em relação ao mundo” (SARTRE, 2004, p. 34). Uma vez que partimos do princípio que a única intenção do autor no momento da escrita é fazer literatura, sentir-se essencial, - então, a leitura de primeiro nível também é válida. Entretanto, essa possível intenção entra como critério de validade numa interpretação crítica e de segundo nível: o querer dizer de quem escreve.

Nos dois contos em estudo, os personagens são marginais. Isto é, fora da ordem, da naturalização, da institucionalização de personagens. São personagens complexos que estão fora no perímetro social. A literatura, nesse aspecto, tem também a função de nos colocar no lugar dessas personagens; no lugar do outro. Diante disso, o texto literário torna-se um viés de empoderamento da classe marginalizada e subalterna através da linguagem. É a abrangência social da literatura transmitida por meio do seu discurso narrativo. “O discurso também faz parte da estratégia do autor-modelo” (ECO, 2006, p. 42). E, ainda segundo Eco, é o discurso narrativo que permite ao leitor-modelo a escolha de se comover ou não com o texto. É através do discurso narrativo e não do enredo que o autor-modelo organiza a história. Nesse sentido, nos dois textos, o autor e o narrador possuem a função de agenciar essas personagens e promover a organização do que é contado: dar a voz à personagem, para que esta chegue até os olhos do leitor.

|44| 3029-9094 / 3227-4046
www.faculdadeeficaz.com.br

Av. João Paulino Vieira Filho,729
CEP: 87020015 - Maringá / PR

À guisa de apresentação dos textos roseanos: em *A terceira margem do rio*, com personagens sem nome, há o pai, que não corresponde aos padrões de comportamento e decide se isolar em uma canoa. É o filho, personagem narrador, que conta a história, como exemplificado no trecho a seguir:

> Nosso pai entrou na canoa e desamarrou, pelo remar. E a canoa saiu se indo – a sombra dela por igual, feito um jacaré, comprida longa. Nosso pai não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela nçao saltar, nunca mais. A estranheza dessa verdade deu para estarrecer de todo a gente. (ROSA, 1988, p. 33)

No final do conto, o filho deseja substituir o pai, mas este não consegue porque a própria imagem do pai e o medo do desconhecido o amedrontam. Ele é o único personagem que não consegue se desprender da margem onde o pai está. Sua mãe e irmão seguiram a vida, mas ele não. A história é narrada por esse filho de maneira intimista e corajosa. No meio do conto há uma mudança do tempo narrativo: do passado, vem para um relato presente, e torna-se um testemunho.

> Sofri o grave frio dos medos, adoeci. Sei que ninguém soube mais dele. Sou homem depois desse falimento? Sou o que não foi, o que vai ficar calado. Sei que agora é tarde e temo abreviar com a vida, nos rasos do mundo. Mas, então, ao menos, que no artigo da morte, peguem em mim, e me depositem também numa canoinha de nada, nessa pagua que não pára, de longas beiras: e, eu, rio abaixo, rio a fora, rio a dentro – o rio. (ROSA, 1988, p. 37)

No conto *Sorôco, sua mãe e sua filha*, há uma personagem masculina levando as duas mulheres que fazem parte de sua vida para tomar o trem que as leva para um hospício. Um homem solitário, humilde e que a sua única extensão com o mundo são essas duas mulheres; mãe e filha. A história é contada por um narrador em terceira pessoa, mas com o uso da expressão “a gente”, ele passa da observação para a participação da história.

> A gente reparando, notava as diferenças. Assim repartido em dois, num dos cômodos as janelas sendo de grades, feito as de cadeia, para os presos. A gente sabia que, com pouco, ele ia rodar de volta, atrelado ao expresso daí de baixo. Fazendo parte da composição. Ia servir para levar duas mulheres, para longe, para sempre. O trem do sertão passava às 12h45m. (ROSA, 1988, p. 18)

|44| 3029-9094 / 3227-4046
www.faculdadeeficaz.com.br

Av. João Paulino Vieira Filho,729
CEP: 87020015 - Maringá / PR

A filha de Sorôco começa a cantar e, nesse momento, o canto torna-se a expressão de seus sentimentos. Uma comunidade pobre assistia a cena. O ato das pessoas de cantarolar junto com Sorôco ao levá-lo para a casa é afugentador. Toda a tristeza daquele momento foi asilada na música.

> A moça, aí, tornou a cantar, virada para o povo, o ao ar, a cara dela era um repouso estatelado, não queria dar-se em espetáculo, mas representava de outroras grandezas, impossíveis. Mas a gente viu a velha olhar para ela, com um encanto de pressentimento muito antigo – um amor extremoso. E, principiando baixinho, mas depois puxando pela voz, ela pegou a cantar, também tomando o exemplo, a cantiga mesma da outra, que ninguém não entendia. Agora elas cantavam junto, não paravam de cantar. (ROSA, 1988, p. 20)

Essa indeterminação se há ou não intenção, por vezes, gera uma lacuna na leitura de certas obras, numa leitura de primeiro nível. “Nunca se encontra no texto senão aquilo que ele (nos) diz, independentemente das intenções do autor; não existe critério de validade de interpretação” (COMPAGNON, 2014, p. 78). Mas, apesar de Compagnon afirmar que não existe um critério, a crítica literária precisa de um parâmetro para sua análise interpretativa. Então, Compagnon refaz a sua afirmativa: “Pode-se procurar no texto aquilo que ele diz com referência ao contexto contemporâneo do leitor” (COMPAGNON, 2014, p.78). As duas teses do autor são complementares. Portanto, dentro do que Compagnon postula na segunda afirmativa, está a leitura de segundo nível nos contos de Guimarães Rosa, defendida por Umberto Eco; e é nesta leitura que encontramos o autor-modelo. Sobre isso, é pertinente a citação de Umberto Eco:

> Para saber como uma história termina, basta em geral lê-la uma vez. Em contrapartida, para identificar o autor-modelo é preciso ler o texto muitas vezes e algumas histórias incessantemente. Só quando tiverem descoberto o autor-modelo e tiverem compreendido (ou começado a compreender) o que o autor queria deles é que os leitores empíricos se tornarão leitores-modelos (ECO, 2006, p. 33).

Somente após essa etapa de leitura e discussão, é que se torna possível encontrar nos trechos dos contos a relevância do discurso do narrador para compreender o processo de escrita do autor, pois para alcançar esse plano

|44| 3029-9094 / 3227-4046
www.faculdadeeficaz.com.br

Av. João Paulino Vieira Filho,729
CEP: 87020015 - Maringá / PR

discursivo, é necessário um meio linguístico alheio, ou seja, do narrador. Para Bakhtin:

> O autor se realiza e realiza o seu ponto de vista não só no narrador, no seu discurso e na sua linguagem (que, num grau mais ou menos elevado, são objetivos e evidenciados), mas também no objeto da narração, e também realiza o ponto de vista do narrador. Por trás do relato do narrador nós lemos um segundo, o relato do autor sobre o que narra o narrador, e, além disso, sobre o próprio narrador. Percebemos nitidamente cada momento da narração em dois planos: no plano do narrador, na sua perspectiva expressiva e semântico-objetal, e no plano do autor que fala de modo refratado nessa narração e através dela. Nós adivinhamos os acentos do autor que se encontram tanto no objeto da narração como nela própria e na representação do narrador, que se revela no seu processo. Não perceber esse segundo plano intencionalmente acentuado do autor significa não compreender a obra. (BAKHTIN, 2010, p. 119)

Podemos chamar o que postula Bakhtin de intencionalidade do autor ou sobreposição de vozes. Mas, no caso dos textos em estudos, os narradores se posicionam de forma diferente, então, é possível pensar que, apesar dos dois contos apresentarem personagens com identidades marginais em diferentes situações, a intenção do autor é trazer esses sujeitos, que estão inseridos num universo linguístico reduzido, para o universo literário.

Primeiramente o narrador de *Sorôco, sua mãe e sua filha:* “A gente estava levando agora o Sorôco para a casa dele, de verdade. A gente, com ele, ia até aonde que ia aquela cantiga” (ROSA, 1988, p. 21). Agora, o narrador do conto “A terceira margem do rio”: “Sou homem de tristes palavras. De que era que eu tinha tanta, tanta culpa.” (ROSA, 1988, p. 36).

Dos narradores aos olhos do leitor roseano

O narrador que fala em *Sorôco, sua mãe e sua filha* não apenas relata a história, como se representa artisticamente dentro do discurso, se colocando no mesmo plano das personagens. Seu discurso faz com que ele – o narrador – saia da abstração e ocupe seu lugar no mundo do conto. Esse lugar é materializado através da linguagem em terceira pessoa, mas, que por diversas vezes é introduzido como primeira pessoa, porém, em todas as vezes, com o mesmo grau de intenção semântica. Entretanto, não há um limite, uma marca formal, ou uma fronteira, entre a

|44| 3029-9094 / 3227-4046
www.faculdadeeficaz.com.br

Av. João Paulino Vieira Filho,729
CEP: 87020015 - Maringá / PR

passagem da terceira para a primeira pessoa, quando o narrador se coloca como personagem. Para Bakhtin, esse processo denomina-se como “construção híbrida”:

> Denominamos construção híbrida o enunciado que, segundo índices gramaticais (sintáticos) e composicionais, pertence a um único falante, mas onde, na realidade, estão confundido dois enunciados, dois modos de falar, dois estilos, duas “linguagens”, duas perspectivas semânticas e axiológicas. (BAKHTIN, 2010, p.110)

Nesse conto, o narrador ocupa uma posição responsiva aos fatos que presencia; ele ouve e compreende o discurso qual observa e, posteriormente, participa dele – passa de onisciente a intruso. Isso configura uma liberdade do narrador durante a narrativa que ora se põe como apenas narrador, ora como personagem ativo dentro do texto. Abaixo, um exemplo desse movimento discursivo do narrador.

> A gente se esfriou, se afundou – um instantâneo. A gente...E foi sem combinação, nem ninguém entendia o que se fizesse: todos, de uma vez, de dó do Sorôco, principiaram também a acompanhar aquele canto sem razão. E com as vozes tão altas! Todos caminhando, com ele, Sorôco, e canta que cantando, atrás dele, os mais detrás quase que corriam, ninguém deixasse de cantar. Foi o de não sair mais da memória. Foi um caso sem comparação. (ROSA, 1988, p. 21)

No início da citação, o narrador está posicionado numa perspectiva subjetiva e se solidariza com os outros personagens. Porém, de certo momento em diante, ele toma distância novamente e torna-se onisciente. Essa perspectiva de discurso narrativo representa a liberdade do autor sobre o ponto de vista da história que está sendo contada. Esse posicionamento duplo, de acordo com a teoria de Bakhtin, significa que

> o autor não está na linguagem do narrador nem na linguagem literária normal, com a qual está correlacionada a narrativa (embora ela possa estar próxima de uma e de outra língua), mas ele se utiliza de ambas para não entregar inteiramente as suas intenções a nenhuma delas; ele utiliza essa comunicação, esse diálogo das línguas em cada momento da sua obra, para permanecer como que neutro no plano linguístico, como “terceiro” na disputa entre as duas (mesmo que esse terceiro possa ser parcial). (BAKHTIN, 2010, p.119)

Essa dialética entre as vozes do narrador, de certa forma, permite ao autor não se definir dentro do plano discursivo e causa um apagamento do predomínio da

|44| 3029-9094 / 3227-4046
www.faculdadeeficaz.com.br

Av. João Paulino Vieira Filho,729
CEP: 87020015 - Maringá / PR

voz autoral; daquela formalidade do papel do narrador. A consequência desse processo é que o leitor participa de outra organização e introdução das vozes dentro do texto e é obrigado a buscar a sua própria verdade com relação ao que é exposto. Isto é, o autor traz o leitor para dentro do texto. Alguns críticos literários esclarecem que o próprio Guimarães Rosa considera intencional essa penumbra que reveste seus textos.

No conto *A terceira margem do rio*, fica clara, já no início do texto, a formalidade do narrador. Um texto direto, objetivo, em primeira pessoa. O filho é quem narra a história; rememora e conta a partir de sua experiência. A voz da narrativa que organiza os escritos; conta e participa deles, mas não é o protagonista. Quem protagoniza o conto é o pai, que é narrado.

> Nosso pai era homem cumpridor, ordeiro, positivo; e sido assim desde mocinho e menino, pelo que testemunharam as diversas sensatas pessoas, quando indaguei a informação. Do que eu mesmo me alembro, ele não figurava mais estúrdio nem mais triste do que os outros, conhecidos nossos. Só quieto. Nossa mãe era quem regia, e quem ralhava no diário com a gente- minha irmã, meu irmão e eu. Mas se deu que, certo dia, nosso pai mandou fazer para si uma canoa. (ROSA, 1988, p. 32)

Percebe-se, no início do trecho acima, que o uso do pronome “nosso” simboliza o forte laço afetivo e familiar existente entre as personagens. Apesar da formalidade na presença do narrador, não há exatidão de tempo e espaço na obra. Apenas sabemos que há um rio e nele criou-se uma terceira margem abstrata e simbólica, na qual o pai do narrador se coloca.

> O núcleo familiar que compõe o conto distribui-se entre as três margens possíveis da narrativa rosiana: mãe, irmã e irmãos do lado de lá do rio, longes; o filho (personagem narrador), do lado de cá e o pai, no meio, rio adentro, na terceira margem. Temos, portanto, Lá (onde estão os que negam a escolha do pai), Cá (o narrador, conosco, os leitores, buscando o sentido da atualidade do pai no rio) e o meio, onde permanece o pai. (OLIVEIRA, 2009, 97)

Essa busca de sentido ocorre junto com os leitores pelo fato de tudo que o narrador relata já ter acontecido: o pai, o rio, a margem, são preexistentes ao texto. Ele conta a história de uma forma que aquele que lê sente proximidade e familiaridade aos fatos. Isso também é possível pensar a partir do espaço do conto.

|44| 3029-9094 / 3227-4046
www.faculdadeeficaz.com.br

Av. João Paulino Vieira Filho,729
CEP: 87020015 - Maringá / PR

Como já dito, não há exatidão de lugar e tempo, o que denota universalidade no conto. Procurar uma terceira margem, isolar-se, silenciar-se, “morrer por dentro”, não é um fato incomum. E não é incomum também que aquele que esteja próximo, de alguma forma, busque tirar da terceira margem quem se encontra nessa situação e se culpe por não conseguir. No trecho a seguir, uma representação dessa intenção projetada no conto:

> Sou homem de tristes palavras. De que era que eu tinha tanta, tanta culpa? Se o meu pai, sempre fazendo ausência: e o rio-rio-rio, o rio – pondo perpétuo. Eu sofria já o começo da velhice – esta vida era só o demoramento. Eu mesmo tinha achaques, ânsias, cá de baixo, cansaços, perenguice de reumatismo. E ele? Por quê? Devia de padecer demais. De tão idoso, não ia, mais dia menos dia, fraquejar do vigor, deixar que a canoa emborcasse, ou que bubuiasse sem pulso, na levado do rio, para se despenhar horas abaixo, em tororoma e no tombo da cachoeira brava, com o fervimento e morte, Apertava o coração. Ele estava lá, sem a minha tranquilidade. Sou o cukpado do que nem sei, de dor em aberto, no meu foro. Soubesse – se as coisas fossem outras. E fui tomando ideia (ROSA, 1988, p. 36).

Há, nesse trecho, a mudança de tempo na narrativa, mesmo que incerto na materialidade do texto. Do passado relatado sobre o pai, agora, ao tempo presente do intimismo do narrador. Muda o tempo da história e muda o tempo do discurso, pois três parágrafos dão conta do sentimento de culpa do filho. O tempo da história acontecida e o tempo do discurso do narrador presente são isocrônicos. Diria Umberto Eco que o leitor é obrigado a “mudar de marcha” (2006, p.63). Não fica um espaço em branco entre um tempo e outro porque há a intencionalidade no discurso do narrador que aponta para a importância dos dois tempos, como se buscasse a compreensão do leitor e, por assim dizer, as suas desculpas: “Meu pai, eu não podia malsinar. E apontavam já em mim uns primeiros cabelos brancos. [...] Sou homem de tristes palavras. De que era que eu tinha tanta, tanta culpa?” (ROSA, 1988, p. 36). As margens vão se delineando. Para Oliveira, as margens vão além do rio e do posicionamento do pai – narrado:

> Colocando-se no espaço intermediário entre discurso e silêncio, o narrador também ocupa a sua terceira margem. Gritos e sussurros na linguagem, como efeito de frestas, a linguagem intuitiva-especulativa do filho impõe fendas no discurso de ordem e lógica das duas beiras do rio (OLIVEIRA, 2009, p. 98).

|44| 3029-9094 / 3227-4046
www.faculdadeeficaz.com.br

Av. João Paulino Vieira Filho,729
CEP: 87020015 - Maringá / PR

Como já explicado anteriormente, é a linguagem do filho que coloca ordem nos fatos e na narrativa e, ao mesmo tempo, é uma articulação entre o “não dizer” do pai e o leitor. O pai fala no seu silêncio, no seu “não dizer”. E a necessidade do filho em compreender esse silêncio é a matéria vertente do conto.

Por essência, o conto *A terceira margem do rio* é fecundamente poético e está dentro da estética filosófica. Guimarães Rosa construiu um texto subjetivo e instável no que diz respeito à autonomia do leitor. Por outro lado, esse mesmo método, ao mesmo que tempo que dá a autonomia subjetiva, exige do leitor uma consciência estética determinada pelo aspecto material do texto; as letras propriamente ditas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não há arte isolada, nem arte ao acaso. Essa afirmativa certamente representa a grandeza que trazem as palavras dos contos roseanos. Mesmo sem a ambição de número de páginas, os contos aqui estudados refletem o conceito estético das definições de leitor e autor-modelo. Guimarães Rosa, por meio da singularidade de sua criação, a princípio, intimida; o que gera uma falsa concepção de entendimento do simbolismo e das significações de seus textos. Um canto, um trem, um rio, uma canoa, elementos que seriam triviais em outros enredos, tornam-se de compreensão e entendimento indispensáveis no que concerne a “ir além do material”. Transformam-se, de certo modo, em expressões metafóricas dotadas de beleza livre. Nos dois contos, há a profundidade do amor humano: em *Sorôco*, a unidade do canto une os presentes e ameniza a loucura da mãe e da filha do personagem narrador; em *A terceira margem*, a confiança e a coragem com que o narrador conta sua história faz do leitor seu confidente.

A forma artística do discurso, ou seja, como os narradores determinam o quê e como contam ao leitor é a ligação do interior estético do texto com o exterior subjetivo do leitor. As formas do texto, a exemplo da expressão “a gente” em *Sorôco, sua mãe e sua filha*, ou a mudança de tempo anunciada em *A terceira margem do rio* são alguns dos estimulantes pensáveis do texto. Também admitem

|44| 3029-9094 / 3227-4046
www.faculdadeeficaz.com.br

Av. João Paulino Vieira Filho,729
CEP: 87020015 - Maringá / PR

uma leitura de primeiro plano, mas não significam, no momento da leitura, ausência de método organizado e orientado pela consciência do autor, caracterizando um aparato da criação estética-literária de Guimarães Rosa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e estética. A teoria do romance**. São Paulo. HUCITEC Editora. 2010.

COUTINHO, Afrânio. Notas de teoria literária. Petrópolis. Editora Vozes. 2008.

COMPAGNON, Antonie. **O demônio da teoria. Literatura e senso comum.** Belo Horizonte. Editora UFMG. 2014

ECO, Umberto. **Seis passeios no bosque da ficção.** São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

OLIVEIRA, Silvana. Entre margens – uma leitura para o conto “A terceira margem do rio”, de João Guimarães Rosa. In: **Revista de História Regional** 14(2): 82-103, Inverno, 2009.

ROSA, Guimarães. A terceira margem do rio. In: **Primeiras estórias.** Rio de Janeiro. Editora Nova Fronteira. 1988.

_____. Sorôco, sua mãe e sua filha. In: **Primeiras estórias**. Rio de Janeiro. Editora Nova Fronteira. 1988.

SARTRE, Jean-Paul. **Que é literatura?** São Paulo. Editora Ática. 2004.